

## **Ausência, retramento ou massificação da obra que outras destinos para a miséria humana?**

Priscila M. Magalhães\*

Tomando como referência o texto de Foucault “*A loucura, a ausência de obra*” procura-se pensar os caminhos possíveis para a experiência analítica em seus riscos de apropriação ou chances de separação dos universos da psiquiatria medicalizante.

“Quem nos dera fosse possível uma obra concebida fora do self, uma obra que nos permitisse sair da perspectiva limitada do eu individual, não só para entrar em outros eus semelhantes ao nosso, mas para fazer falar o que não tem palavra, o pássaro que pousa no beiral, a árvore na primavera e a árvore no outono, a pedra, o cimento, o plástico...”

Ítalo Calvino\*\*

A questão ético-política e muito especialmente de *economia libidinal* que quero trazer para discussão é: em que medida nossa prática contribui efetivamente para o enriquecimento e diversidade da presença humana no mundo ou, ao contrário, participa da produção da miséria humana? Esta última vicissitude aponta para os riscos de esvaziamento ou neutralização da experiência analítica, pela invasão de demandas de alívio, apaziguamento e cura, propagadas pela prática psiquiátrica medicalizante, que podem fazer abortar, interromper prematuramente ou mesmo impossibilitar, o trabalho de elaboração, de enfrentamento do *real* e de criação de si que conduzem a experiência analítica, quando efetivamente bem sucedida, à produção dessa *obra aberta* que faz, necessariamente, presença, arriscada, no mundo. Ao

---

\* Psicanalista. Professora e supervisora clínica dos Programas de Residência Médica em Psiquiatria e de Especialização em Saúde Mental do Instituto Municipal Philippe Pinel, Rio de Janeiro.

\*\* Ítalo Calvino, *Seis propostas para o próximo milênio*, S.Paulo, Cia das Letras, 1990, p.138.

contrário, talvez como contraface à proliferação das análises intermináveis, perdidas na obsessionalização de seus próprios rituais ou na busca infinita de significações que não chegavam a se efetivar como sentido e direção da própria existência, temos hoje essa pressão por soluções *remediadas* que fazem economia, justamente, da experiência singular de si e do mundo conduzindo então, seja pela improdutividade, seja pelas exigências de *resolutividade*, a cenários que poderiam ser caracterizados pela *ausência de obra*, tal como Foucault pôde pensar uma vez a loucura.<sup>1</sup> Tomaríamos então essa formulação, tão expressiva, para estendê-la ao campo do recalçamento da fantasia, que poderia ser pensado como aquele que conduz ao *retraimento da obra*, assim como às formas de *massificação da obra*, para designar o campo das identificações alienantes que Freud chamou, justamente, de *miséria das massas*.

Na verdade, o artigo que Foucault publicou em uma revista dedicada a analisar a *situação da psiquiatria*, em 1964, não só apresentava uma trama complexa de problemas como procurava pensar o futuro de seu desenvolvimento, delineando dois destinos possíveis para a loucura: seu desaparecimento, reduzida à doença mental e presa ao arsenal terapêutico da psiquiatria ou sua re-apresentação, situada como passagem necessária, no próprio âmago da experiência criativa, seja na produção artística, seja na invenção de si.<sup>1</sup>

Desde o título do artigo - *A loucura, a ausência de obra*- se conjugam e se separam esses dois destinos: na redução à doença mental, através dos meios técnicos de tratamento dos sintomas, desde a psicofarmacologia até os meios sociais de controle dos comportamentos, esvazia-se a experiência da loucura de suas próprias produções ou, melhor dizendo, esvazia-se a doença mental da experiência da loucura: primeira forma de entender a ausência de obra. Neste sentido, há quase 40 anos, Foucault já escutava os clamores de que “os progressos da medicina poderão, de fato, fazer desaparecer a doença

---

<sup>1</sup> Michel Foucault “A loucura, a ausência de obra” [1964] in: *Ditos e Escritos I*, Manuel Barros da Motta (org), Rio, Forense Universitária, 2ª ed., 2002, pp. 210-219.

<sup>1</sup> “ Não faço diferença entre as pessoas que fazem de sua existência uma obra e aquelas que fazem uma obra na sua existência”, Michel Foucault, em confidência ao cineasta Werner Schroeter, citado por Daniel Defert em “ Cronologia”, microbiografia de Foucault incluída em *Ditos e Escritos I*, op.cit. p.64.

*mental, assim como a lepra ou a tuberculose.”<sup>2</sup> A isso ele respondia que sempre restariam “ a relação do homem com seus fantasmas, com seu impossível, sua dor sem corpo, sua carcaça da noite”<sup>3</sup> e acrescentava: “uma vez o patológico posto fora do circuito, a sombria pertença do homem à loucura será a memória sem idade de um mal apagado em sua forma de doença, mas obstinando-se como desgraça”<sup>4</sup>. Logo a seguir, entretanto, com um lampejo de clarividência que sua própria obra promovia, ressaltava: “para dizer a verdade, essa idéia supõe inalterável o que, sem dúvida, é o mais precário, muito mais precário do que as constâncias do patológico: a relação de uma cultura com aquilo mesmo que ela exclui..”<sup>5</sup>.*

Esta exclusão, Foucault via reaparecer, como produção de obra, nas formas mais transgressivas da arte e da literatura. A partir de Mallarmé e depois de Artaud e Raymond Roussel, assinala “essa estranha vizinhança da loucura com a literatura”.<sup>6</sup> Aquilo que seria o ser da literatura “tem de se haver com a auto-implicação, com o duplo e com o vazio que se escava nele. E [...] ganha a região na qual se faz, a partir de Freud, a experiência da loucura.”<sup>7</sup>

A loucura aparece aí “não como a astúcia de uma significação escondida, mas como uma prodigiosa reserva de sentido.”<sup>8</sup> Reserva aqui entendida como “uma figura que retém e suspende o sentido, ordena um vazio no qual não é proposta senão a possibilidade ainda não cumprida de que tal sentido venha ali alojar-se, ou um outro, ou ainda um terceiro, e isso ao infinito, talvez.”<sup>9</sup> Assim, “a loucura abre uma reserva lacunar que designa e faz ver esse oco no qual língua e fala implicam-se, formam-se uma a partir da outra e não dizem outra coisa senão sua relação muda. A partir de Freud, Foucault enfatiza, a loucura ocidental [européia], tornou-se uma não linguagem, porque ela se tornou uma linguagem dupla[...] quer dizer, uma matriz de linguagem que, em sentido estrito, não diz nada. Dobra do falado que é uma

---

<sup>2</sup> Michel Foucault, op.cit. p.211.

<sup>3</sup> id.ibidem

<sup>4</sup> id.ibidem

<sup>5</sup> id.ibidem

<sup>6</sup> op.cit. p.217.

<sup>7</sup> op.cit. p.218.

<sup>8</sup> op.cit. p.216

<sup>9</sup> id.ibidem

*ausência de obra.*”<sup>10</sup> Segunda acepção, portanto, da ausência de obra, que “*remete a essa região branca da auto-implicação onde nada é dito*”<sup>11</sup>

Neste sentido, loucura e produção de obra permanecem, para Foucault, possibilidades excludentes: “[...] *a loucura não manifesta nem relata o nascimento de uma obra; [...] ela designa a forma vazia de onde vem essa obra, quer dizer, o lugar de onde ela não cessa de estar ausente, no qual jamais a encontramos porque jamais ela aí se encontrou. Lá, nessa região pálida, sob essa camada sensível essencial, desvela-se a incompatibilidade gemelar da obra com a loucura; é o ponto cego da possibilidade de cada uma e de sua exclusão mútua*”.<sup>12</sup>

O que nos reconduz à perspectiva freudiana pela qual o delírio, enquanto possibilidade de obra, é tentativa de cura (nem sempre bem sucedida), enquanto que a loucura, propriamente, estaria na retirada do investimento, no esvaziamento do mundo e nesse recolhimento ao eu de um concentrado das intensidades afetivas extraídas dos objetos do mundo, instalando esse vazio de estranha intensidade que poderá explodir na megalomania ou nas neo-realidades substitutivas da psicose.<sup>13</sup> Possibilidade e risco que, no entanto, estarão necessariamente presentes no cerne da experiência analítica, na medida em que esta exigirá o desapego de antigas identificações e universos de referência que serviram de anteparo à experiência mais singular de si, para confrontar-se com as intensidades afetivas que nunca puderam ser ditas, mas que, se forem suportadas, poderão abrir as portas para o surgimento de novas formas de ser no mundo e consigo.

Esta possibilidade exigirá, no entanto, para realizar-se, o abandono da intimidade restrita do campo transferencial. Analista e analisando deverão então encontrar os recursos clínicos – e políticos – que permitam a este último decolar do campo transferencial para, tal como apontava Freud em “*A perda da realidade na neurose e na psicose*”, utilizar as reservas da fantasia ou as forças de criação de realidade do delírio a favor da transformação de si e do mundo fazendo assim transcender a obra, de seu valor de uso, privado, - ou aprisionado no gozo improdutivo dos avatares incestuosos ou agressivos da

---

<sup>10</sup> id.ibidem

<sup>11</sup> op.cit.,p.217.

<sup>12</sup> op.cit., p.218.

transferência - para possibilitar sua presença aberta ao mundo, ao inesperado dos encontros onde, para cada um, a obra possa *sair da perspectiva limitada do eu individual para entrar em outros eus semelhantes e para fazer falar [e ser afetado] pelo que não tem palavra, o pássaro que pousa no beiral, a árvore na primavera, a árvore no outono, a pedra, o cimento, o plástico...*

Possibilidades que, entretanto, exigirão, a partir do desejo de cada um, assim como de *agenciamentos coletivos de enunciação*,<sup>14</sup> a criação de *territórios existenciais*<sup>15</sup> onde se reúnam e se potencializem práticas clínicas e sociais com capacidade de enfrentamento e resistência à captura pelos circuitos fechados da psicopatologia – seja ela psiquiátrica ou psicanalítica - e seus poderosos instrumentos de apropriação e destruição da experiência subjetiva da loucura assim como, no limite, de qualquer mal-estar inerente à condição humana.

Nos dias de hoje, a verdade que se impõe de forma avassaladora é o fato de que a psiquiatrização – ou de modo mais amplo, a terapeutização - ultrapassou, em muito, as fronteiras antes reservadas à loucura, invadindo de forma extensiva e intensiva uma parte cada vez maior das relações dos homens com seus fantasmas, seus impossíveis, suas dores sem corpo, suas carcaças da noite. Patologizadas e medicadas, pretende-se que todas essas formas de sofrimento psíquico desapareçam, como doenças. O que vem, em seu lugar, então, é a loucura que já não faz apelo a nenhum tratamento: a explosão da violência, urbana e doméstica, as formas suicidas de entrega ao gozo, a massificação da obra, a miséria das massas no cenário imperial do capitalismo globalizado, com suas estratégias de dominação, controle e violência generalizadas.

Mas Foucault, desde aquela época, não deixava de perceber outras chances nos cenários que então traçava; se, por um lado, constatava que a loucura vinha desenlaçando seu parentesco com a doença mental e que esta entrava em um espaço de controle cada vez maior,<sup>16</sup> apostava que “*abaixo dessas transformações e por razões que lhes parecem estranhas (pelo menos*

<sup>13</sup> Sigmund Freud, *Introducción del narcisismo*, In: *Obras Completas*, vol. XIV, B.Aires, Amorrortu Ed.

<sup>14</sup> Felix Guattari, *A revolução molecular: pulsações políticas do desejo*, S.Paulo, Brasiliense, 1981.

<sup>15</sup> Felix Guattari, *Caosmose, um novo paradigma estético*, Rio, Ed. 34, 1992

<sup>16</sup> “Nos hospitais, a farmacologia já transformou a sala dos agitados em grandes aquários mornos”, op.cit.p.219.

*em nossas opiniões atuais), um desenlace está prestes a se produzir: loucura e doença mental desfazem sua pertença à mesma unidade antropológica. Essa unidade desaparece, ela própria, com o homem, postulado passageiro. A loucura, halo lírico da doença, não cessa de apagar-se. E, longe do patológico, do lado da linguagem, lá onde ela se redobra sem ainda nada dizer, uma experiência está prestes a nascer onde o que está em jogo é nosso pensamento; sua iminência, já visível, mas absolutamente vazia, não pode ainda ser nomeada.”<sup>17</sup>*

Talvez, hoje, pudéssemos dizer, de forma diferente, que não apenas do lado da linguagem, mas na intensidade dos corpos, dos gestos, dos movimentos que por diversos lados começam a agrupar de forma inexorável intenções múltiplas e apenas esboçadas, novos mundos possíveis começam a ser gerados, cuja forma deverá se manter fragmentária – parcial e transitória – mas que portam a chance de preservar não apenas o pensamento mas a própria existência humana em suas invenções de *modos de ser*. A esses universos de chance e risco deverão necessariamente se abrir as experiências analíticas que ainda puderem se realizar em sua autêntica originalidade.

---

<sup>17</sup> op.cit.,p.219.